

HISTÓRIA da SABRINA ARAUJO

3ºano Santo Inácio -

Boa tarde diretores e professores ...

Início

É muito bom tê-los aqui hoje, porque mesmo sem saber ou ter consciência, vocês são essenciais na nossa caminhada. Se hoje eu estudo num dos melhores colégios do Rio de Janeiro, estejam certos de que não cheguei aqui sozinha. Estou no 3º ano, ano decisivo pra qualquer vestibulando, mas nenhuma dificuldade é tão grande quanto o esforço que eu tive que depreender para ter a chance de concretizar meus sonhos, meus objetivos ... E tudo começou numa semana de agosto de 2005 ..

Eu estava no auge dos meus 12 anos quando a então inspetora Cristina apareceu na minha sala, na Escola Municipal Desembargador Oscar Tenório com alguns panfletos, que sinceramente, não despertaram a atenção de muitos alunos. Inclusive, não despertou a minha. Em grande parte atribuo minhas conquistas a uma amiga, que foi a principal responsável por me fazer realizar a prova. Era um sábado, do dia 10 de setembro de 2005 quando eu saí de casa, sem ter certeza do que viria pela frente. A proposta do ISMART apresentada naquele folheto não estava muito clara pra mim e acredito que não era a única nessa situação. Mas ainda assim eu fui e na manhã do dia 10 me deparei com uma fila que desanimaria qualquer um, ainda mais se esse um não tinha muita ideia do que significava aquilo tudo.

Eu lembro que um tempo depois, a minha amiga, aquela que me convenceu a fazer a prova, chegou na escola e me disse que tinha recebido um telefonema que na realidade era pra mim, avisando que eu havia passado pela primeira fase da prova. Naquela época eu não tinha telefone em casa e tive que procurar um telefone público pra poder entrar em contato com o projeto. Aquele foi o passo inicial para todas as coisas maravilhosas que me vem acontecendo.

A segunda etapa do processo seletivo foi uma entrevista, e mais uma vez eu tive sorte porque a Solange, psicóloga que me atendeu, foi extremamente paciente e interessada em tudo o que eu tinha a dizer e conversamos durante uma hora. Por mim teria durado muito mais. A terceira fase foi a visita domiciliar, mas que pra mim não aconteceu e meu pai foi à Tijuca descrever a nossa casa.

Por fim, depois de uma extensa peneira, a última fase foi uma dinâmica de grupo, em que seríamos avaliados por nossa postura e tomada de decisões frente a uma situação específica. Acho que só me saí bem porque o time era bem familiar pra mim, uma vez que tratava sobre a relação entre pai e filho. A admiração que tenho pelo meu pai se evidenciou na proposta de solução que eu apresentei para o problema e nem preciso deixar mais claro que heróis existem e ele é com certeza um deles.

Tudo ou nada

Parece que foi ontem que a Fernanda, minha mais que querida Fernanda, telefonou pra minha casa dando a notícia de que eu passara. Foi uma emoção tão, mas tão grande que seria impossível descrevê-la com palavras. Foi feita uma última reunião em que dissemos o sim, que unia nossas vidas ao ISMART. Como perguntou Izamara “ vocês aceitam se casar com o ISMART?” . É óbvio que sim.

No fim do arco íris

Em Fevereiro de 2006 começava um dos anos mais difíceis da minha, com uma dupla jornada que parecia estar contra mim. A rotina de duas escolas, consequentemente duas vezes mais matérias, duas vezes mais professores e avaliações e dez vezes mais cobranças me fizeram repensar minha escolha. Confesso que já fraquejei e não me envergonho disso; pelo contrário me orgulho de ter superado minhas dificuldades, meu cansaço, de ter resistido à minha irresistível cama quando eu chegava à noite em casa porque ainda precisava dar conta de todos os exercícios para o dia seguinte e preparar a janta pra minha irmã mais nova e meu pai já que a minha irmã mais velha estudava nesse horário.

É, foi um ano difícil, em que eu tive que abdicar de muitas coisas em prol de um objetivo maior e abdiquei e me esforcei e não há o menor resquício de arrependimento. Pelo contrário, viveria tudo de novo com um sorriso ainda maior estampado no rosto.

E 2007 chegou trazendo ansiedade e ainda mais empenho. Lembram quando eu falei da importância dos senhores diretores, e também professores na nossa caminhada?

Incontáveis vezes precisei de um apoio a mais, uma ajuda pra conseguir dar conta de tantas responsabilidades e me deparei com minhas diretoras e meus professores, de braços abertos pra me acolher quando eu não me achava capaz de prosseguir. Inúmeras vezes precisei de um horário na aula do colégio para tirar dúvidas ou fazer exercícios do ISMART e sempre pude contar com esses que hoje chamo de amigos.

Quando a gente entra nessa preparação de dois anos, descobre como o mundo é competitivo e percebemos o quão despreparados estamos para enfrentá-lo.

O ISMART, nos dá a vara e manda-nos pescar. É isso o que queremos, caminhar com nossas próprias pernas, construindo um futuro decente num país tão desigual.

Nesses dois anos, aprendi o significado da palavra sacrifício e que nada na vida vem sem esforço. Meu gerador de energia não era uma hidrelétrica ou uma usina nuclear.. Era apenas meu desejo, minha determinação e consciência de que aquilo era necessário já que meu objetivo é o de dar uma vida confortável para minha família. Acho que não existe melhor estímulo que este. A estrutura acadêmica dada pelo ISMART é inigualável, com ótimos professores e excelente material didático. Mas não é só isso, nesses dois anos formamos uma verdadeira família, passamos pelas mais diversas situações e saímos fortalecidos dos momentos difíceis.

Mas sem dúvida, os dias mais tensos foram os de prova de ingresso para o Santo Inácio. A primeira prova foi a de português e a experiência que eu carrego comigo é a de nunca esquecer o título de redação alguma. E, na prova de matemática, a tensão foi ainda maior, não pela falta de preparo e sim pelo temor natural dos números.

Mas, felizmente, passei para o CSI, assim como passei para o Santo Agostinho. Fiquei num estado tão grande de euforia e toda a minha história passou pela cabeça num segundo, os dias de cansaço e desânimo eram uma realidade tão, mas tão longe que eu nem sei ao certo se os vivi.

A gente pensa que seria um alívio acabar logo com a dupla jornada, mas no fundo a gente sente falta daquele ambiente, que hoje mal usamos se não pra reuniões e conversas.

Outro mundo

Depois da euforia de mais uma meta alcançada (passar para o CSI é só o meio do percurso) vem o medo do desconhecido, do colégio novo, de uma realidade à qual eu pensava não pertencer. Só

pensava, porque no fim das contas percebi que diferenças só existem quando as evidenciamos, quando acreditamos realmente que elas inferiorizam ou privilegiam um dos lados. No CSI, entretanto, a diferença é vista sob outra ótica; ninguém se importa se você tem ou não determinada coisa, ou ainda se você mora ou não bairro do “asfalto”. Eu, por exemplo, moro numa das maiores comunidades do Brasil, a Rocinha, e nunca sofri nenhum tipo de discriminação por isso; pelo contrário, sempre fui vista como sinônimo de esforço e superação. “A menina do morro, que estuda com os bacanas ...” Prova maior disso, foram as inúmeras amizades que eu construí e os bons comentários que ouço dos professores. Em 2008, fui chamada pelo ISMART pra viajar a São Paulo a fim de participar de um jantar comemorativo aos 9 anos da Instituição, evento que contou com a participação de figuras notáveis, empresários bem sucedidos, pessoas que deram certo e que devemos usar como exemplos.

Ainda nesse ano, recebi um convite do próprio Colégio para viajar a Minas Gerais com outros poucos alunos (dois também do projeto) para participar de um encontro social que visava a reflexão sobre o mundo atual. Nossas despesas foram pagas pelo CSI, que se ofereceu para nos custear. Esse ano também foi marcado pela publicação de um livro comemorativo aos 15 anos do Colégio Albert Sabin, que selecionou histórias de alunos que deram certo e expuseram num trabalho maravilhoso. A minha história foi uma dessas.

Além disso, o colégio promoveu um passeio de integração dos alunos da série, com uma estada de 3 dias no Rancho Santo Mônica. Sabendo da impossibilidade de nós alunos do ISMART pagarmos o valor cobrado, o colégio se organizou e conseguiu que fôssemos sem nenhum tipo de despesa. Mas isso só foi possível, porque sabem do potencial e comprometimento do aluno ISMARTIANO, como diz nossa Izamara. Foram três dias maravilhosos e que nos permitiram descansar para a maratona de provas que se estendia à nossa frente.

O ano de adaptação foi na realidade alguns meses porque logo já estávamos totalmente integrados àquela nova escola e aos outros alunos.

Esse é o meu mundo

O que era um outro mundo, passou a ser parte significativa da minha realidade, mas sou totalmente consciente do meu papel e minha condição. O importante é não deslumbrar-se diante do glamour dessas descobertas ou esquecer-se quem você é ou qual seu objetivo. O meu sempre foi e será proporcionar uma vida melhor à minha família, no sentido material, porque já somos muito felizes com o pouco que temos. Pouco nem é a palavra correta porque me sinto até ingrata diante de tudo o que consegui e realmente não é pouco. Hoje eu tenho a possibilidade de escolher o que quero da minha vida, sem o determinismo de que morador da favela será prestador de serviços para o asfalto, embora qualquer profissão seja válida, desde que seja digna. O ano de 2009 foi até mais fácil que o de 2008 uma vez que o período de adaptação já acabara há tempo.

Além disso, entrei de vez no ritmo da escola, conseguindo aprovação direta nos dois anos e estando entre os 20 melhores alunos, numa série de pouco mais de 250, mesmo com todas as pedras no caminho. Já deixei de ir para o colégio por causa de tiroteio, em outras vezes me aventurei sabendo dos riscos e tive que correr, correr muito, disso dependia minha vida; tinha algumas responsabilidades de casa, embora minha família sempre tenha sido muito compreensiva e empenhada em me ajudar, criando condições para permitir que eu pudesse estudar em paz, mas nem sempre foi possível.

Um dia me perguntaram se eu me considerava uma pessoa de sorte, ainda que morasse onde eu moro e tivesse a condição que eu tenho. Minha resposta foi a mais óbvia possível pra alguém que tem a minha condição: “Claro que tenho sorte e muita, sou saudável, tenho uma família que me

ama, comida quente na mesa, por mais simples que seja, e um futuro, um futuro que se estende generoso a minha frente. Não sei quem tem mais sorte que eu”.

O último

E foi assim que cheguei aonde estou agora, foi esse o caminho que segui para alcançar o que tenho hoje.

Finalmente me vejo na linha tênue entre a adolescência e a vida adulta. O colégio está acabando e um novo capítulo do livro da minha vida será iniciado. Acho que nunca precisei de tanta disciplina como preciso hoje, ano de vestibular. Disciplina e tempo, mas infelizmente o último não é possível criar.

Acredito que o caminho para concretizar os sonhos começa na certeza do que se quer, na clareza dos objetivos.

Depois, força de vontade para lutar contra as adversidades, que surgem naturalmente e dão a nossa vida o tempero da dificuldade.

Imaginem se nossa vida fosse extremamente fácil; nunca teríamos a chance de testar nossa força, nossa capacidade de superar desafios, nunca evoluiríamos.

Ficariamos eternamente parados numa mediocridade entediante, que não nos acrescenta absolutamente nada.

Fico feliz em dizer que tenho na minha história a mancha da dificuldade pois ela ajudou a me tornar o que sou hoje.

Obrigada ISMART, não imagino minha vida sem essa instituição e prefiro não imaginar mesmo.